



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## **NEM TODOS RESIDIAM NA ÁREA CENTRAL: PROGRESSO ECONÔMICO E POLÍTICA DE MORADIA POPULAR NA CIDADE DE SIDROLÂNDIA (MS)\***

Nataniél Dal Moro

Doutorando em História (PUC-SP)

natanieldaloro@bol.com.br

### **Introdução**

Pelo menos desde as décadas de 1920-30 o território que compõe o Estado de Mato Grosso do Sul, que antes de outubro de 1977 integrava o então sul do Estado de Mato Grosso, era pensado como um espaço propício para o desenvolvimento de atividades ligadas ao mundo dito rural, sobretudo a pecuária e a agricultura que não apenas as de subsistência. Todavia, a falta de pessoas para trabalhar também era uma das grandes questões e, não menos, de difícil solução.<sup>1</sup>

Na década de 1940, com a criação da Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND), tal realidade foi, em parte, materializada, em particular pela presença de migrantes nordestinos. Contudo, o progresso agrícola era limitado e o aumento demográfico ficou muito aquém do esperado. De modo bem amplo, pode-se dizer que faltava “gente” na região. “Gente”, nesse caso, eram os sujeitos dispostos a trabalhar a terra e, com isso, produzir mercadorias que pudessem ser comercializadas fora do limite estadual (MORO, 2007b, p. 72-109).

---

\* Parte deste trabalho foi iniciada no ano de 2007, época em que o autor tinha bolsa de pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Desde 2008 o apoio institucional é da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (CAPES).

<sup>1</sup> Essa idéia foi externada ainda no início da década de 1920 por Arlindo de Andrade Gomes, que atuou como intendente municipal de Campo Grande nos anos de 1922 a 1925. De acordo com Gomes (2004, p. 43), “nosso maior mal era a falta de gente, era o braço.” Nelson Werneck Sodré (1941, p. 129) também partilhou do entendimento de que a terra precisava ser trabalhada e, para tanto, externou com muita clareza em uma de suas dezenas de obras que a “grande propriedade pastoril”, responsável pelo “ritmo lentíssimo de progresso” do então sul do Estado de Mato Grosso (atual Mato Grosso do Sul), tinha que ceder lugar para as pequenas propriedades agrícolas.



2

Além disso, era preciso de “gente” também para aumentar a densidade demográfica. Em 1950 a população total do Estado de Mato Grosso era de 522.044 mil habitantes e a densidade demográfica era de apenas 0,41 hab. por km<sup>2</sup>. Já a população do sul de MT era de 309.395 mil pessoas na década de 1950, sendo que 195.850 mil residiam no campo e 113.545 mil moravam nas cidades. Apenas para estabelecer comparação, a densidade do Estado do Amazonas era maior do que a de Mato Grosso (CAMPOS, 1955, p. 11).

No decorrer da década de 1950 a situação demográfica foi parcialmente alterada, sendo que nas décadas de 1960 e principalmente na de 70 houve um expressivo aumento populacional. Concomitante com isso, a realidade econômica também foi muito modificada, tanto pela chegada de outros sujeitos como pela ação de políticas públicas visando reordenar a economia regional. Seguramente tais políticas contribuíram de forma expressiva para a expansão do espaço agrário em algumas áreas do território brasileiro.

“Nesse processo de expansão agrária a Região Centro-Oeste teve participação importante, com a ampliação da ordem de 21.374.273 hectares no período de 1975/1980.” (FIBGE, 1982, p. 7). Entretanto, no período de 1975 a 1980, no então sul de Mato Grosso, houve diminuição do número de propriedades rurais. Em 1975 havia 57.853 mil estabelecimentos, sendo que meia década depois eram somente 48.036, ou seja, quase 10 mil propriedades deixaram de existir (FIBGE, 1982, p. 16-17). Sendo assim, houve concentração de terras, sobretudo porque foram incorporadas à monocultura de umas poucas culturas agrícolas, em particular a da soja.

É pensando nesta realidade, propriamente mais rural do que urbana, que se pode afirmar que o passado da região em que está o Município de Sidrolândia necessitou muito mais das atividades realizadas no campo do que na cidade, porém, com o passar do tempo outras questões se tornaram muito latentes. A partir da década de 1970, sobretudo com o avanço da fronteira agrícola sobre terras do oeste brasileiro, em especial com o progresso dos lucros do agronegócio, avolumaram-se os problemas para as pessoas mais humildes/pobres.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Tamaña foi a relevância da utilização de terras do Oeste brasileiro para a agricultura mundial (leia-se sobretudo monocultura da soja e em áreas de cerrado), visando produzir alimentos “para todas as pessoas”, que os esforços foram reconhecidos em nível mundial. No ano de 2006, o ex-ministro da Agricultura, Alysson Paolinelli, o ex-diretor



3

Tendo em vista isso, proponho inicialmente discutir neste texto a contribuição das atividades desenvolvidas na zona rural para a constituição do espaço cidadão.

Depois, busco explicitar que ao mesmo tempo em que as atividades econômicas, sobretudo as ligadas ao agronegócio, possibilitaram (e possibilitam) o progresso da cidade e o aumento demográfico para algumas regiões do Estado de Mato Grosso do Sul, as mesmas indiretamente também contribuíram (e contribuem) para a formação de uma outra estrutura cidadina.

Por fim, discuto a pertinência da política de moradia popular efetivada na cidade de Sidrolândia, que fez com que uma quantidade cada vez maior de “pessoas comuns” passasse a residir em espaços urbanos localizados fora da chamada área central da cidade, logo, distantes da maior parte das infra-estruturas cidadinas.<sup>3</sup>

### **O rural na constituição do espaço cidadão**

No final da década de 1970, a maior parte das 55 cidades existentes no Estado de Mato Grosso do Sul possuía na economia rural a principal base econômica e a taxa de crescimento da população era de 6% ao ano (ASSESSORIA, 1977, p. 14). Na região conhecida historicamente como Campos da Vacaria, que abarca, dentre outros locais, ora partes e ora a totalidade dos territórios de municipalidades como Campo Grande, Rio Brillante, Maracaju, Dourados, Itaporã, Ponta Porã e Sidrolândia, tal questão era ainda mais latente.<sup>4</sup>

No mapa 1, a seguir, pode-se visualizar uma cópia de parte da “Planta Parcial do Estado de Mato Grosso”, de autoria do engenheiro Emílio Schnoor, na qual consta os Campos da Vacaria, região destacada com linhas transversais. Já no mapa 2 constam todas as referidas municipalidades antes mencionadas. Observemos os números 23, 28,

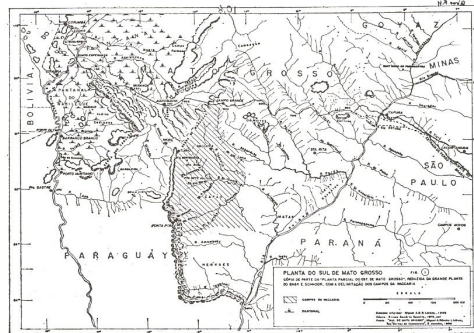
---

técnico do Centro de Pesquisas da Embrapa, Edson Lobato, e um pesquisador do Instituto Internacional de Pesquisa dos Estados Unidos da América, Colin McClung, foram laureados com o Prêmio Mundial de Alimentos, entregue na cidade norte-americana de Des Moines, no mês de outubro daquele ano. Vale destacar que o pesquisador Colin McClung iniciou sua atuação no cerrado ainda na década de 1950, sendo que para aquele tempo a iniciativa foi pioneira (BRASILEIROS..., 2006).

<sup>3</sup> Consultar, para um entendimento mais amplo e, de certa forma, original da palavra-conceito “pessoas comuns” ou “povo comum”, os escritos de: Sharpe (1992), Thompson (2001) e, sobretudo, Hobsbawm (1990).

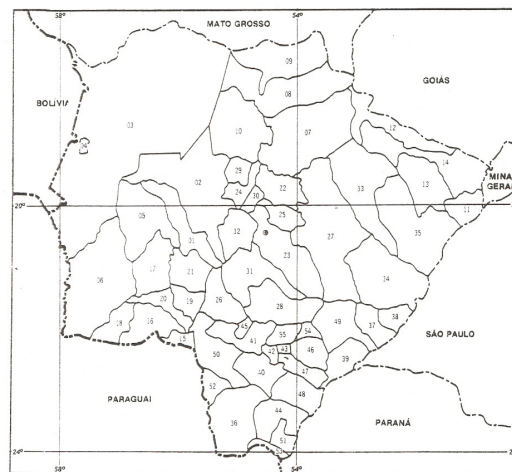
4  
 26, 41, 45, 50 e, sobretudo, o 31, tendo em vista ser este último o território do Município de Sidrolândia.

**Mapa 1. Campos da Vacaria (início do século XX)**



Fonte: ABREU, 1976, p. 192.

**Mapa 2. Municípios que compunham o Estado de Mato Grosso do Sul (1977)**



- |                             |                       |                       |
|-----------------------------|-----------------------|-----------------------|
| 01 ANASTÁCIO                | 20 JARDIM             | 38 RATAIPORÁ          |
| 02 AQUICAMANA               | 21 NIOQUE             | 39 CARAPÓ             |
| 03 CORUMBÁ                  | 22 BANDEIRANTE        | 40 DOURADOS           |
| 04 LADÁRIO                  | 23 CAMPO GRANDE       | 41 FÁTIMA DO SUL      |
| 05 MIRANDA                  | 24 CONDOMÍNIO         | 42 ELÓRIA DE DOURADOS |
| 06 PORTO MURTINHO           | 25 JARAGUARI          | 43 IGATEMI            |
| 07 CAMPUSA                  | 26 MARACAUÍ           | 44 ITAPORÁ            |
| 08 COCÓV                    | 27 TIRES DO RIO PARDO | 45 IYVINEKA           |
| 09 PEDRO GOMES              | 28 RIO BRILHANTE      | 46 JATEÍ              |
| 10 RIO VERDE DE MATO GROSSO | 29 RIO NEGRO          | 47 NAVESINA           |
| 11 APARECIDA DO TABOADO     | 30 ROCHEDO            | 48 NOVA ANDRADEINA    |
| 12 CASILÂNDIA               | 31 SIDROLÂNDIA        | 49 PONTA PIQUÊ        |
| 13 INDICIÊNCIA              | 32 TERENOS            | 50 ELDOorado          |
| 14 PARANÁ                   | 33 SOJA CLARA         | 51 REAL NOBREZA       |
| 15 ANTONIO JOSÉ             | 34 BRASÍLÂNDIA        | 52 MUNDO NOVO         |
| 16 BELA VISTA               | 35 TRÊS LAGOS         | 53 ANGÉLICA           |
| 17 BOMITO                   | 36 ANAURILÂNDIA       | 54 DECUPULUS          |
| 18 CARACOL                  | 37 ANAURILÂNDIA       |                       |
| 19 SOJA LOPES DA LAGUNA     | 38 BATAQUACUÍ         |                       |

Fonte: ASSESSORIA..., 1977, p. 15.

A produção agrícola, a pecuária de corte e a avicultura eram atividades de

<sup>4</sup> “Dá-se o nome de Vacaria a uma área do sul de Mato Grosso do Sul que se estende das cabeceiras do Rio Anhanduí às cabeceiras do Rio Dourados, numa extensão de 200 léguas quadradas. Nela predominam terras vermelha grudenta, roxa nas áreas de mata, massapé à beira dos cursos de água. Todos os seus rios são navegáveis tanto os que rumam para o Paraná como os que vertem para o Paraguai. Margeando-os, das cabeceiras às barras, estão as matas. Os espigões divisores de águas têm leve declividade. Predominam os campos limpos, cobertos de cerrado ralo.



5

muito destaque e, não menos, necessitaram e continuaram carecendo de muitas pessoas para desenvolvê-las. Justamente por isso o fluxo migratório era muito elevado. Em torno de 50% das pessoas que residiam em Sidrolândia no ano de 2007 eram naturais de outras municipalidades.

Em larga medida, pode-se dizer que a cidade de Sidrolândia é sim um espaço que dependeu e depende fundamentalmente da economia rural, já que quando o campo passa por dificuldades, logo a cidade também sente efeitos nada agradáveis. Sem dúvida, a redução das vendas comerciais é um dos exemplos mais nítidos. Portanto, a cidade de Sidrolândia se formou com expressiva contribuição das atividades efetivadas na zona rural, muitas das quais impulsionadas majoritariamente através de políticas nacionais, sobretudo na década de 1970.

Até o final da década de 1960 a pecuária foi a atividade de maior destaque, se bem que a plantação de arroz não era nada inexpressiva (MORO, 2003, p. 32-33). Posteriormente, as culturas da soja, do milho e da cana-de-açúcar passaram a ocupar significativo lugar, sobretudo no final da década de 1970 e início dos anos 80, época em que o governo federal concedeu generosos financiamentos para o desenvolvimento do campo brasileiro (MORO, 2007a e 2009).

O Programa de Desenvolvimento da Região da Grande Dourados (PRODEGRAN), efetivado em 1976, por meio da Superintendência de Desenvolvimento da Região Centro-Oeste (SUDECO) é um exemplo marcante destes anos (TETILA et al., 1986, p. 38). A construção de silos, armazéns e a compra de implementos e insumos agrícolas também fez parte desta política que objetivou, em linhas gerais,

atender a obras de infra-estrutura e estimular o desenvolvimento das atividades diretamente produtivas, mormente o setor agropecuário, diante das potencialidades da área de influência do pólo de Dourados para a produção de soja, trigo, milho, café e outros produtos, além da pecuária (ASSESSORIA..., 1977, p. 14).

A cidade, por sua vez, não tardou também a ser agraciada com o progresso econômico da zona rural. Estabelecimentos comerciais, supermercados, farmácias, bares, lojas de vestuário, casas bancárias e residências foram construídas na zona urbana



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

6

de Sidrolândia e em muitas outras cidades da Serra de Maracaju. O aumento populacional também se deu de forma muito expressiva e houve diminuição dos habitantes do campo e aumento dos residentes na zona urbana.

Os poderes públicos, sobretudo o executivo, também modernizaram parte de suas instalações. Grosso modo, foram construídos nos espaços citadinos: paços municipais, fóruns, escolas, hospitais e postos de saúde. Ademais, ocorreu a aquisição de maquinários, em especial para viabilizar o tráfego de caminhões e colheitadeiras nas estradas vicinais, pois sem tal medida não era possível escoar a produção, em particular a agrícola.

Se por um lado não se pode negar a efetiva transformação citadina propiciada pelo progresso rural ocorrido na região dos Campos da Vacaria e da Serra de Maracaju em geral, também não se pode afirmar que tal progresso sempre trouxe benefícios ao espaço citadino, pois muitos sujeitos ficaram sem usufruir os lucros auferidos por meio da agropecuária regional. Referi-mo aos sujeitos que vendiam a força de trabalho, e continuam assim fazendo, e ajudaram a manter este progresso econômico que nem sempre significou desenvolvimento social.

### **Uma cidade em formação**

Embora já tivesse meio de transporte ferroviário desde meados da década de 1940, tal fator não foi suficiente para transformar a realidade do Município de Sidrolândia, que só se emancipou no mês de dezembro de 1953 (MORO, 2003, p. 31). Até o final da década de 1960 a sociedade sidrolandense era constituída basicamente pela chamada “cultura pastoril”, que foi tão bem externada por Nelson Werneck Sodré (1941, p. 79-132) na obra chamada Oeste: ensaio sobre a grande propriedade pastoril.

Quase tudo tinha como centralidade a pecuária e os sujeitos que desenvolviam tal atividade eram em grande parte herdeiros dos sertanistas, sobretudo mineiros, fixados em meados do século XIX nos Campos da Vacaria e também após 1870, quando do término da Guerra contra o Paraguai.

Por diversos motivos, e é muito difícil elencar todos eles, na década de 1970 essa realidade não permaneceu a mesma. A grande valorização das terras nas Regiões Sudeste e Sul do Brasil, ainda na década de 1940, fez com que milhares de migrantes



7

que trabalhavam basicamente com a agricultura aportassem no território que se tornou Estado de Mato Grosso do Sul em 1977.

Seguramente este é um ponto fundamental para se pensar a transformação da economia do Município de Sidrolândia. Outro ponto é o da própria política nacional de incentivo às atividades agrícolas em terras do Oeste brasileiro, que fazia parte de uma política maior, qual seja, a da efetiva ocupação da Amazônia nacional (ABREU, 2001, p. 99-106).

Outra forma de demonstrar que houve transformação da realidade de Sidrolândia consiste em externar o aumento e a inversão populacionais verificados no decorrer de mais de meio século. Em 1955 havia 5.394 mil pessoas no Município de Sidrolândia, sendo que apenas 738 residiam na zona urbana. No ano de 1980 o total da população era de quase 13 mil pessoas, porém mais de 8 mil moravam no campo.

Já no ano de 1991 a maior parte dos habitantes residia na zona urbana de Sidrolândia. Dos mais de 16 mil habitantes, quase 11 mil moravam na cidade. Os levantamentos feitos pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (FIBGE) nos anos de 1996 e 2000 registraram que aumentou ainda mais o número de pessoas residindo na zona urbana (MORO, 2007a, p. 20).

Muitos seguramente saíram do campo e rumaram para a cidade, até mesmo porque muitos lavoureiros tiveram grandes lucros ao ponto de poderem adquirir outras propriedades, porém milhares de pessoas vieram para o Município de Sidrolândia, especificamente para a zona urbana, com o intuito de conseguir trabalho, tanto na agropecuária, indústria ou em atividades relacionadas com estes setores, como a industrialização da carne de frango e, já no início do século XXI, nas indústrias têxteis, que, ao todo, empregavam centenas de pessoas, sendo a maior parte delas de outros Estados do Brasil.

Em 2003, 65% da mão-de-obra de quatro indústrias instaladas em Sidrolândia tinham operários que não eram nascidos em Mato Grosso do Sul. O operariado natural de Sidrolândia foi de apenas 14%. Quanto ao estudo formal, 7% dos operários tinham o ensino superior incompleto, 40% possuíam o ensino médio completo ou estavam concluindo. A maioria, 53% do operariado, possuía apenas o ensino fundamental



8

(MORO, 2003, p. 77-78).<sup>5</sup>

Em pesquisa divulgada no segundo semestre de 2007 pela FIBGE, consta que o Município de Sidrolândia, distante pouco mais de 60 quilômetros da cidade de Campo Grande, capital estadual, possuía o maior crescimento populacional de todo o Estado de Mato Grosso do Sul. No ano de 2000 a quantidade total de residentes era de 23.483 mil pessoas, sendo que em 2007 já havia quase 40 mil sujeitos na municipalidade (SIDROLÂNDIA..., 2007).

Portanto, em menos de uma década houve aumento populacional de mais de 60%. Em razão deste dado faz-se necessário externar que ocorreu aumento populacional não apenas na zona urbana, mas também na zona rural. A principal causa do aumento da população no campo decorre da instalação de mais de 15 projetos de assentamento e da fragmentação de algumas grandes propriedades rurais.<sup>6</sup>

A Fazenda Flórida, localizada na Rodovia que liga a cidade de Sidrolândia ao Distrito de Quebra Coco, é um exemplo, pois foi comprada do proprietário, que era italiano, no ano de 2007 por uma Associação composta por mais de uma centena de associados e dividida em lotes de 7 hectares para cada um dos integrantes.

Outro fator relevante está mesmo na questão da cidade possuir algumas indústrias próximas da zona urbana que empregavam alguns milhares de trabalhadores e, por diversas razões, sempre contratavam e/ou demitiam empregados. Portanto, sempre havia possibilidade de se conseguir um emprego. A divulgação via meios de comunicação, sobretudo impresso, também contribuiu para o aumento do número de sujeitos que buscavam Sidrolândia para obter uma vida melhor.

Infelizmente nem todos os sujeitos conseguiram o emprego desejado para auferir uma vida melhor, bem como muitos deles sequer amealharam recursos para construir a casa própria. Outro elemento importante que deve ser destacado é que na área central da cidade de Sidrolândia havia relativa infra-estrutura, pois contava com iluminação pública, água encanada e pavimentação asfáltica.

Ademais, nessa área central, que abarca em torno de 180 quadras (Avenida Dorvalino dos Santos, Rua Ponta Porã, Avenida Mato Grosso e Rua Goiás), existia a

---

<sup>5</sup> As empresas eram: Seara Alimentos S/A, Affer, Phael e Tip Top, todas na BR-060.



9

maior parte dos estabelecimentos considerados essenciais para a vida cidadina, como escolas, postos de saúde, lojas, estabelecimentos bancários, farmácias, hospital, delegacias e lojas das mais diversas.

Havia também o Bairro São Bento, local de significativo comércio e com casas mais populares, contudo, a maior parte dos terrenos deste bairro já foi efetivamente ocupada por moradias.<sup>7</sup> Existia inclusive conjunto habitacional com algumas dezenas de casas populares que foi construído no início da década de 1980 e já estava, no final do século XX, totalmente ladeado por outras construções residenciais e alguns estabelecimentos comerciais, sobretudo alimentícios.

Embora o Bairro São Bento tenha escolas, posto de saúde e outras instituições públicas e privadas, além de ser local de moradia para mais de 30% da população operária da cidade de Sidrolândia, não contava com estabelecimento bancário.<sup>8</sup>

Boa parte dos trabalhadores empregados do Bairro São Bento, assim como das vilas e dos demais bairros da cidade, labutava no comércio local e nas indústrias instaladas na própria municipalidade. As indústrias do chamado agronegócio eram as que mais empregavam e, sem dúvida, as que mais atraíam a atenção dos migrantes menos e mais abastados que chegavam na cidade de Sidrolândia para tentar melhorar de vida.

Não somente por causa disso, mas em grande parte relacionado com isso, formou-se na cidade de Sidrolândia um contingente de “pessoas comuns”, sobretudo de migrantes vindos na maior parte das vezes das Regiões Sudeste e Sul do Brasil, que não tinham moradia e que gastavam boa parte de suas rendas mensais, que era de pouco mais de um salário mínimo, para pagar o aluguel de pequenas casas e até mesmo de residências com apenas uma peça.

### **Nos espaços mais periféricos residiam os menos favorecidos**

---

<sup>6</sup> Não foi apenas a quantidade de pessoas que aumentou em Sidrolândia. A área agrícola também teve expressivo acréscimo em algumas culturas. A da soja, por exemplo, que ocupava 28 mil hectares em 1997, passou a ocupar quase 65 mil hectares no ano de 2001 (SECRETARIA..., 2003).

<sup>7</sup> A maior parte das moradias das classes média e alta estava localizada numa área total de aproximadamente 100 quadras que compreendia um espaço composto pela Rua Goiás, pela Avenida Dorvalino dos Santos, pela Rua Ponta Porã e, sobretudo, pela Avenida Antero Lemes da Silva, popularmente conhecida como Avenida Brasil.

<sup>8</sup> Fiz a afirmação percentual com base em observações *in loco*, em especial do operariado das indústrias têxteis, pois utilizavam bicicleta como principal meio de locomoção, e conversas que tive com os operários que se serviam do



10

Com o intuito de solucionar parte da questão da moradia para as “pessoas comuns”, as autoridades municipais empreenderam várias medidas no decorrer dos últimos anos da década de 1990 e início do século XXI. Uma delas consistiu na autorização de loteamentos urbanos de custo relativamente baixo quando comparado com os lotes da área central da cidade. O maior problema de tais loteamentos é que não havia pavimentação asfáltica, nem canalização/drenagem das águas pluviais, e a locomoção era bem mais custosa para se ter acesso aos serviços mais essenciais.

Uma outra ação das autoridades centrou-se na construção de vários conjuntos habitacionais com dezenas de casas populares, porém, todos relativamente distantes, assim como os loteamentos, da chamada área central da cidade.<sup>9</sup> Nessas regiões, a infraestrutura citadina era muito pouco expressiva quando comparada com a existente no espaço da área central da cidade de Sidrolândia.<sup>10</sup>

---

transporte coletivo, sobretudo os da Bunge Alimentos S/A, já que esta distava cerca de 7 quilômetros da cidade de Sidrolândia, ao passo que as indústrias têxteis eram bem mais próximas, algo em torno de 1 a 2 quilômetros.

<sup>9</sup> Do ano de 1997 ao de 2000, quando Enelvo Iradi Felini estava na administração do executivo municipal, foram construídas 149 casas populares. Já para o ano de 2001 estava prevista a construção de outras 250 moradias populares, sobretudo no Jardim Cascatinha (100 casas) e no Bairro São Bento (56) (SIDROLÂNDIA..., 2002). No final do ano de 2003, também na administração de Enelvo Felini, pois ele foi reeleito para o mandato de 2001 a 2004, constava no site da Prefeitura Municipal de Sidrolândia que nos últimos 6 anos (provavelmente no período de 1997 a 2002) tinham sido “construídas e entregues 253 unidades habitacionais em Sidrolândia, beneficiando mais de mil pessoas.” (PRINCIPAIS..., 2003).

<sup>10</sup> Daltro Fiuza, Prefeito Municipal de Sidrolândia para o mandato de 2005 a 2008, externou em entrevista veiculada na manhã do dia 3 de janeiro de 2008, via Rádio Pérola do Planalto (FM 104,9), na qual fez um balanço sobre a administração realizada pelo poder executivo municipal no ano de 2007, que a questão da drenagem das águas fluviais não era um problema recente na cidade de Sidrolândia e que a solução dependia em grande parte da liberação de recursos provenientes de outros poderes, sobretudo ministeriais, de emendas dos parlamentares estaduais e federais, tanto individuais como de bancadas, bem como dos senadores, uma vez que quase todos os recursos municipais já estavam comprometidos com obrigações constitucionais, em particular na área da educação fundamental. Além de dizer que houve aumento das demandas por serviços básicos, explicitou que havia significativa migração populacional para Sidrolândia, sobretudo por causa da instalação de indústrias e de assentamentos e que nos 4 anos de exercício do poder executivo, a previsão era de inaugurar cerca de 450-500 casas populares. Especificamente sobre a infra-estrutura citadina, afirmou que os pontos mais críticos e que careciam de drenagem das águas pluviais eram: o Bairro Sol Nascente, o Jardim Cascatinha e o Bairro Pé de Cedro II. Fora o que mencionou o Prefeito, não se pode, e isso em razão do objetivo do presente trabalho, deixar de ressaltar que tais localidades eram espaços de moradia de pessoas que tinham rendimentos mais modestos. A maior parte era de trabalhadores, muitos dos quais na condição de trabalhadores informais.



11

De fato, entre morar de aluguel nas proximidades do centro e residir distante da área central, muitos optaram por ter uma casa própria, mesmo que popular e distante das facilidades que o centro proporcionava. Penso que até este momento não há nenhum problema de grande revelo e que, de fato, as autoridades municipais e de outras esferas fizeram literalmente seus deveres, todavia, não posso deixar de considerar que na chamada área central da cidade existiam inúmeros terrenos sem qualquer construção. Boa parte não possuía nem mesmo uma simples plantação de mandioca. Em outros tantos havia mesmo só mato.

Diante de tal realidade da área central e, concomitantemente com isso, também tendo presenciado a construção de casas populares fora desta região, não posso deixar de externar pelo menos algumas das conseqüências que esta política de moradia acarretou para a sociedade sidrolandense, sobretudo do ponto de vista da aplicação dos recursos públicos.

Fazer tal análise implica em deixar desde logo externado que até o final da década de 1980 a região da área central da cidade de Sidrolândia era bem menos ocupada por construções, tanto por casas residenciais como comerciais, e o valor dos terrenos sem imóveis era bem menor do que no início do século XX.

Várias das casas existentes eram ocupadas apenas de forma parcial, pois muitos dos moradores, que eram também proprietários rurais, permaneciam mais tempo no campo do que na cidade. Em razão de tal configuração, a chamada área central era, para ser bem explícito, um espaço muito mais da elite do que das “pessoas comuns”.

Na medida em que a economia municipal passou a ter outros campos que não somente o da agropecuária que tinha sido consolidada no decorrer das décadas de 1970-80, a própria cidade de Sidrolândia foi, outra vez, alterada. A avicultura é, sem dúvida, a atividade que melhor exemplifica este outro momento econômico do Município de Sidrolândia como um todo e não somente da parte urbana.

Por causa dela formou-se/consolidou-se um grupo expressivo de pessoas inseridas na classe média que angariaram significativo capital móvel e sobretudo imóvel em pequeno espaço de tempo. Através de facilitados financiamentos, quase na totalidade via Banco do Brasil, muitos dos migrantes, pessoas menos abastadas da localidade e até mesmo assentados passaram a ter bens avaliados em mais um milhão de



12  
reais.

No início da década de 1990 houve a instalação da Agroeliane Alimentos S/A<sup>11</sup>, que inicialmente gerou de 500 a 700 empregos diretos nos primeiros anos de atividade e, no mínimo, o dobro de ocupações indiretas, e nos primeiros anos do século XXI começaram a funcionar 3 indústrias têxteis bem próximas da zona urbana da cidade. Ao todo, tais empresas geravam cerca de 2.000 mil postos de trabalho no ano de 2002 (MORO, 2003, p. 34-35).<sup>12</sup>

Além de tais empresas, existiam outras de médio e pequeno portes, igualmente importantes para a transformação do espaço citadino. Já na zona rural havia uma significativa quantidade de trabalhadores, muitos deles braçais. Só na então Usina Santa Olinda, localizada no Distrito de Quebra Coco, existiam aproximadamente 1.000 pessoas empregadas, parte delas residindo nas proximidades da empresa, outra parte no Distrito e outros tantos trabalhadores na cidade de Sidrolândia. A área plantada pela empresa, no ano de 2002, era de 17 mil hectares (SIDROLÂNDIA..., 2002).

Embora tanto as empresas localizadas na zona urbana como na rural empregassem considerável número de trabalhadores, todas elas tinham em comum, independente da atividade que desenvolviam, o fato de funcionarem como um chamariz para a chegada de cada vez mais migrantes à localidade de Sidrolândia.

As pessoas mais abastadas, sendo pelo fato de já virem com algum dinheiro, já terem bens de valor ou cargos de melhor remuneração, passaram a residir prioritariamente na área central de Sidrolândia, até mesmo em razão de ser nesta região da cidade que estavam disponíveis as melhores moradias e não menos por ser nela que se encontrava a infra-estrutura mais completa do espaço urbano.

Portanto, é adequado afirmar que com o progresso econômico, sobretudo o gerado pelo agronegócio, ocorreu também uma intensificação do número de pessoas

---

<sup>11</sup> No dia 9 de junho de 1992 houve a fundação e no ano de 1993 foram inauguradas as atividades da indústria com o abate de frangos. Em 1995 a empresa Agroeliane Alimentos S/A passou a ser denominada de Ceval Alimentos S/A. No ano de 1998 de Seara Alimentos S/A. Em 2006 já tinha a denominação de Bunge Alimentos S/A e em 2009 passou a ser propriedade da empresa Marfrig. No ano de 2002 a referida empresa, composta em grande parcela pela granja matriz, pela fábrica de rações, pela central de incubação e pelo abatedouro de frangos, empregava mais de 1.300 trabalhadores, tendo a maior parte da produção de carne “in natura”, para não dizer a totalidade, vendida para o mercado externo, sobretudo o asiático e o europeu. No ano de 1999 o número de funcionários era de 768, sendo que em 2000 passou para 810. No ano de 2001 já eram de 1.077 e no ano de 2002 o número chegou a 1.315 pessoas trabalhando na referida indústria. Em 2009 já eram cerca de 3.000 mil pessoas trabalhando nesta indústria.



13

habitando na área central da cidade. Nesse sentido, a elite cidadina foi alterada e ampliada. Por outro lado, não apenas a elite da área central passou por tal processo, pois a composição das “pessoas comuns” também foi alterada, bem como a quantidade destes sujeitos, que inclusive aumentou.

Ora, mas qual a necessidade que se construir casas populares distantes da área central da cidade, tendo em vista que neste local havia terrenos que podiam perfeitamente ser utilizados para a construção de moradias populares (não da forma horizontal, mas sim vertical) e nos quais já existia toda uma infra-estrutura pública, como escolas, supermercados, lojas e diversas instituições públicas?

Levando-se em consideração a existência de lotes sem construção é sugestivo pensar que a política de moradia popular executada em Sidrolândia, antes de tudo, priorizou a ampliação da malha urbana da cidade ao passo em que não aproveitou as áreas vazias existentes na área central da cidade, já totalmente datadas de infra-estrutura, exceto de rede de esgoto, pois na cidade não havia tal serviço.

Com a efetivação dessa política de moradia popular ocorreram de imediato alguns ganhos para as “pessoas comuns”, em especial o do não pagamento de aluguel, que consumia em torno de 30 a 40% dos seus salários, e até mesmo o fato de residirem em habitações mais salubres do que as anteriores. Por outro turno, essa mesma política pública implicou num aumento de gastos para a municipalidade. Ao não serem aproveitados os espaços privados que já tinham infra-estrutura básica, perderam tanto as pessoas da elite como as “pessoas comuns”.

### **Algumas conclusões**

A política de moradia popular impulsionada pelo progresso econômico, em particular o da agroindústria, e efetivada por meio do poder público foi de vital importância para uma melhoria da qualidade de vida de centenas de famílias que residiam na zona urbana de Sidrolândia.

Sem dúvida essa política foi muito benéfica para tais “pessoas comuns”, pois os sujeitos que foram (e continuam sendo) atraídos pelo progresso econômico tiveram

---

<sup>12</sup> Para exemplificar o caso das ocupações indiretas, só nos 269 aviários existentes na zona rural do Município de Sidrolândia no ano de 2002, havia mais de uma centena de pessoas ocupadas, muitas das quais tinham também famílias residindo nestes locais (PRINCIPAIS..., 2003).



14

então suas próprias casas, bem como também os que não eram migrantes, mas necessitavam igualmente de um lugar para residir.

Vale frisar aqui que a grande parte dos conjuntos habitacionais foi dotada inicialmente apenas de alguns elementos de infra-estrutura básica, sendo a pavimentação asfáltica algo quase nunca existente, bem como outras benfeitorias públicas que não fossem a água encanada, a energia elétrica e a iluminação pública.

Diante do exposto, penso que é mais oportuno do ponto de vista administrativo, financeiro e social que fossem ocupados efetivamente os espaços privados da cidade de Sidrolândia, os chamados lotes sem construção, tais como os existentes em muitas quadras da Avenida Brasil, antes de serem loteados outros espaços, isso tanto por parte da iniciativa privada como por parte do poder público, via política de moradia popular.

Se por um lado foi fundamental a materialização de uma política de moradia popular para os sujeitos que não conseguiram adquirir suas casas, por outro também não foi acertado fixar tais pessoas em locais distantes da área central da cidade de Sidrolândia, já que neste espaço havia muitos terrenos que podiam perfeitamente abrigar residências, só que não das classes média e alta, mas sim de um grupo de pessoas menos abastadas, que em grande parte eram os trabalhadores das indústrias instaladas no Município de Sidrolândia.

Indústrias que tendiam, pelo que indicava a economia mundial dos combustíveis, a aumentar em quantidade, em produção e em produtividade. Mesmo com o alto grau de mecanização de alguns setores, essas indústrias tendiam a atrair mais alguns milhares de sujeitos para o Município de Sidrolândia (leia-se área urbana), haja visto que só no ano de 2007 estavam em construção nesta municipalidade três usinas de cana-de-açúcar, além de já haver duas em funcionamento, sendo uma apenas de forma parcial.

No ano de 2003, a empresa em pleno funcionamento era a Usina Santa Olinda e a em parcial era a Pantanal Agroindústria.<sup>13</sup> Essa última tinha a previsão de gerar de 1.000 a 1.200 empregos diretos e outros 3.000 mil indiretos (PRINCIPAIS..., 2003).

---

<sup>13</sup> Devido ao atraso no pagamento dos salários eram comuns as manifestações, paralizações e greves realizadas por trabalhadores e prestadores de serviços da Usina Santa Olinda, chegando-se inclusive a bloquear e até mesmo interromper totalmente o trânsito de veículos na via defronte ou estradas próximas da indústria. Manifestações em áreas urbanas do Distrito de Quebra Coco e da cidade de Sidrolândia também foram feitas, sobretudo em frente aos estabelecimentos bancários, Câmara de Vereadores e Prefeitura Municipal dessa última urbe.



15

Para que se efetivasse a instalação da Pantanal Agroindústria em Sidrolândia, a Prefeitura Municipal doou uma área de 50 hectares na região do Pequi, defronte da Rodovia MS-162 e da estrada de ferro que liga Campo Grande a Ponta Porã, fronteira do Brasil com o Paraguai, mas que desde maio de 2002 estava totalmente desativada.

Esse progresso agro-industrial, portanto também um progresso econômico, não podemos esquecer, foi consequência direta das parcerias estabelecidas pelos Presidentes do Brasil, Lula, e dos Estados Unidos da América, George W. Bush, que assinaram na cidade de São Paulo, em março de 2007, um Tratado de Cooperação Tecnológica para produzir, ainda mais, bio-combustível, cuja uma das principais matérias-primas era a cana-de-açúcar.

A presença de empresários dos mais diversos e de altos funcionários de empresas do setor agro-industrial no Estado de Mato Grosso do Sul, como a do presidente mundial da Bunge International Limited, Alberto Weisser, e a do presidente da Bunge no Brasil, Sérgio Waldrick, no início do mês de janeiro de 2008, na cidade de Dourados, também sinalizava que a situação era propícia para o desenvolvimento e/ou a intensificação de mais um tipo de progresso econômico, qual seja, o da indústria sucroalcooleira (LANGE, 2008; FARIA, 2008).

Tendo em vista essa complexa realidade, não hesito em fazer uma indagação e respondê-la apenas parcialmente: que política de moradia popular deve ser efetivada pelo poder público num momento como esse, no qual municipalidades vizinhas e Sidrolândia passaram a receber cada vez mais pessoas em busca de emprego nas atividades agroindustriais (sobretudo aquelas do setor sucroalcooleiro) e, portanto, transformaram, de uma forma ou de outra, o espaço citadino outrora existente?

Um caminho que me parece minimamente adequado consiste em empreender uma política, independente de ser pública e/ou privada, que não empeça o “povo comum” de ocupar residencialmente locais citadinos já dotados de diversas infra-estruturas, tal como os lotes sem construções existentes na área central da cidade de Sidrolândia, tendo em vista que foram empreendidas políticas públicas que primaram por uma não-ocupação de tal espaço urbano.

Ademais, a efetivação dessa política mostrou-se prejudicial no mínimo de duas formas. Quais sejam: tanto do ponto de vista do gerenciamento administrativo como da



16

condução econômica da coisa pública, para não diz do campo social, uma vez que impossibilitou o mesmo poder público de realizar melhores trabalhos na própria área central da cidade, pois teve que aplicar recursos para a urbanização, mesmo que precária, das áreas nas quais foram construídas as casas populares.

### Referências

ABREU, Dióres Santos. Comunicações entre o sul de Mato Grosso e o sudoeste de São Paulo. In: *Revista de História*, São Paulo, USP, ano XXVII, v. LIII, n. 105, p. 191-214, jan./mar. 1976.

ABREU, Silvana de. *Planejamento governamental: a SUDECO no espaço mato-grossense: contexto, propósitos e contradições*. 2001. 328 f. Tese (Doutorado de Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2001.

ASSESSORIA DE RELAÇÕES PÚBLICAS DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA (ARP). *A divisão de Mato Grosso*. Brasília: ARP, out. 1977.

BRASILEIROS GANHAM NOBEL DA ALIMENTAÇÃO. *O Estadão*, São Paulo. Disponível em: <[http://tc.ciadocha.com/noticia\\_detalhe.asp?cod=1713#](http://tc.ciadocha.com/noticia_detalhe.asp?cod=1713#)>. Acesso em: 16 jun. 2006.

CAMPOS, Fausto Vieira de. *Retrato de Mato Grosso*. São Paulo: [s.n.], 1955.

FARIA, Cícero. Bunge pode implantar usina de álcool em MS. In: *Jornal Correio do Estado*. Disponível em: <<http://www.correiodoestado.com.br/exibir.asp?chave=166599,1,3,10-01-2008>>. Acesso em: 10 jan. 2008.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (FIBGE). Secretaria de Planejamento da Presidência da República. *Aspectos da evolução da agropecuária brasileira: 1940-1980*. Rio de Janeiro: IBGE, 1982.

GOMES, Arlindo de Andrade. *O Município de Campo Grande em 1922*. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2004.

LANGE, Marli. Bunge pode investir em usina de álcool em Dourados. In: *Jornal Diário MS*. Disponível em: <[http://www.diarioms.com.br/leitura.php?can\\_id=44&id=67763](http://www.diarioms.com.br/leitura.php?can_id=44&id=67763)>. Acesso em: 9 jan. 2008.

HOBBSAWM, Eric John. A outra história: algumas reflexões. In: KRANTZ, Frederick (Org.). *A outra história: ideologia e protesto popular nos séculos XVII a XIX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990, p. 18-33.

MORO, Nataniél Dal. De trabalhador rural para operário urbano. In: *V Encontro Nacional sobre Migrações*. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2007. Disponível em: <[http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/5EncNacSobreMigracao/public\\_t\\_ra\\_rur\\_ope.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/5EncNacSobreMigracao/public_t_ra_rur_ope.pdf)>. 26 p. Acesso em: 31 dez. 2007a.

\_\_\_\_\_. *Modernização urbano-citadina e representações sobre os trabalhadores na cidade de Campo Grande (décadas de 1960-70)*. 2007. 365 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2007b.



\_\_\_\_\_. O poder legalizado no processo de formação das fronteiras econômica e demográfica no sul do Estado de Mato Grosso (décadas de 1960-70). *História em Reflexão*: Revista Eletrônica História da UFGD, v. 3, n. 6, p. 1-15, 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/474/342>>. Acesso em: 27 dez. 2009.

\_\_\_\_\_. *Vozes não-oficiais*: a história do operariado industrial de Sidrolândia, MS (1992-2002). 2003. 104 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História) – Curso de Graduação em História, Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande, 2003.

PRINCIPAIS REALIZAÇÕES DA ADMINISTRAÇÃO ENELVO IRADI FELINI. In: *Prefeitura Municipal de Sidrolândia*. Disponível em: <[http://www.sidrolandia.ms.gov.br/principais\\_realizacoes.htm](http://www.sidrolandia.ms.gov.br/principais_realizacoes.htm)>. Acesso em: 2 nov. 2003.

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO E DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA. *Sidrolândia*. Disponível em: <<http://www.iplan.ms.gov/cidades/sidrolandia.htm>>. Acesso em: 8 ago. 2003.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história*: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992, p. 45-46.

SIDROLÂNDIA (Município). *Dados municipais do desenvolvimento sócio-econômico*. Sidrolândia, maio 2002, s/p.

SIDROLÂNDIA FOI O MUNICÍPIO QUE MAIS CRESCEU, SEGUNDO DADOS DO I.B.G.E. *Jornal Plantão MS*, Sidrolândia, p. 3, 1ª quinzena de set. 2007.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Oeste*: ensaio sobre a grande propriedade pastoril. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941.

TETILA, José Laerte Cecílio; MIYASHIRO, Ana Youko; COSTA, Euzanete Medeiros da. O impacto da soja ao sul de Mato Grosso do Sul: problemas da terra e do homem. In: *Revista Científica e Cultural da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul*, Campo Grande, UFMS, v. 1, n. 1, p. 31-53, 1986.

THOMPSON, Edward Palmer. A história vista de baixo. In: \_\_\_\_\_. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Sergio (Orgs.). Campinas: UNICAMP, 2001, p. 185-201.